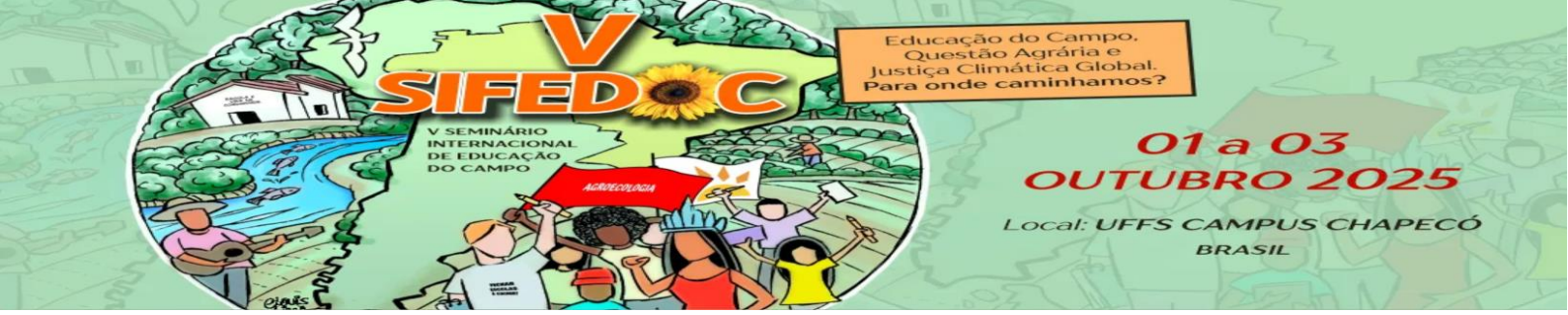

A ERVA MATE DE CARIJO E A PERMANENCIA DA JUVENTUDE NO CAMPO E NA FLORESTA

Autor[1]Rudinei Pinto Buratti

Co-Autores[2]Daniele Carneiro de Araujo

Círculo de Saber: 03: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Palavras-chave: Erva mate de Carijo; Juventude Rural; Agroecologia.

Introdução

Tomar chimarrão é um hábito cultivado a milhares de anos, primeiramente pelos povos indígenas Guaranis, Kaingangs, Xokleng e Guaianás entre outras etnias que habitavam e ainda habitam a região sul e em parte do sudeste do nosso país. Chamado de Caá pelos Tupis (Guaranis) e Congón/ Congonha pelos Guaianás (povo do tronco linguístico GÊ), ou ainda Congóin pelos Kaingangs (povo do tronco linguístico GÊ). A partir da vinda dos imigrantes europeus o costume dos originários foi sendo incorporado também por esses e se tornando parte da cultura geral das populações do Sul do Brasil.

> Mesmo desprezando a cultura e discriminando o jeito de ser dos indígenas e caboclos, os descendentes de europeus conheceram o milho e o pilão, o tabaco e o chimarrão, entre tantos outros aprendizados que lhes iam acaboclando, mesmo não querendo reconhecer e admitir (Valentini, 1999, pág. 79-89).

Ao longo da história a principal forma de secagem da matéria prima do chimarrão, no caso, a erva mate foi através do sistema de secar em carijo, que são estruturas de madeira montadas em meio as outrora abundantes florestas que continham essa planta nativa. O objetivo desse trabalho é de fazer a demonstração

[1] Graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo UFFS-Erechim. E-mail: rudineipintoburatti@gmail.com

[2] Mestranda PPGH UFFS-Chapecó E-mail: danicaraujo29@gmail.com

de uma experiencia de produção agroecológica e autônoma e como isso pode auxiliar na permanência da juventude no campo e consequente os benefícios de um modelo produtivo e territorial para os processos de manutenção das escolas do campo. Atualmente a maior parte dos carijeiros que mantem viva essa prática, e no nosso caso inclusive, utilizamos um modelo de carijo de tamanho médio que supre as necessidades de produção de erva mate para o nosso consumo e para as demandas de venda atual.

> Os carijos dos agricultores possuem uma medida em torno de 1,5 a 2,0 metros de largura por 2,0 a 2,5 metros de comprimento. Entre o solo, onde se faz o fogo, e o estrado, em que a erva fica pendurada, a medida varia de 1,30 a 1,5 metros de altura. O estrado compreende a disposição de taquaras ou varas roliças de madeira, com 4 a 5 cm de diâmetro, distanciadas paralelamente em torno de 10 a 15 cm (Luz, 2011, pág. 123).

Foi só a partir da metade do século XX que essa técnica enraizada nas ancestralidades indígenas foi perdendo espaço para o modelo industrial de produção de erva mate que hoje é amplamente consumida pela população como um todo. Segundo Luz, 2011 a diminuição da fabricação artesanal de erva mate representa muitas perdas do conhecimento popular. Hoje, no Brasil, ela talvez seja rara, tanto para o autoconsumo, como para o mercado. Além disso, essa tradição pode representar um importante recurso de conhecimentos ecológicos antigos, que perpassa gerações de agricultores como fruto de suas experiencias com o meio natural e social.

Indo contra essa lógica de abandono e perca cultural, no ano de 2021 iniciamos a produção artesanal de erva mate de carijo no nosso pequeno sítio no município de Erval Grande/RS. Primeiramente reunidos entre familiares, irmãos, primos e pessoas mais velhas, e contando em todo esse processo de reencontro com a prática ancestral de carijo com o Mestre em Desenvolvimento Rural (UFRGS) Moises Da Luz que hoje com certeza é um dos mais importantes zeladores e guardião incansável dos saberes em torno da produção artesanal da erva mate na região Sul do Brasil.

Construindo uma alternativa de Permanência no Campo

Com a intensificação do processo de modernização da agricultura a partir dos anos 70, cada vez mais, povos do campo e da floresta estão deixando suas terras em um processo contínuo de esvaziamento e migração em massa do rural para o urbano.

Em paralelo a isso se perdem gradativamente diversas expressões culturais e de conhecimentos práticos de um mundo agrário, entre eles o modo autônomo de produzir seus próprios alimentos, também suas formas diversificadas e particulares de compreender o mundo e a vida. Toda essa conjuntura histórica que já se arrasta por décadas em que a agri-cultura vai dando espaço para o novo conceito chamado agro-negócio representa em sua essência o enfraquecimento das formas de organização campesina onde muito se observava os ciclos e a preservação da natureza, onde os valores sociais coletivos cada vez mais dão lugar para um individualismo acirrado. O avanço das monoculturas de soja mesmo em regiões de terreno acidentado coloca a própria educação do campo como uma proposta que precisa ser alicerçado em novas, ou melhor, em antigas alternativas de produção e manutenção dos territórios com participação coletiva e familiar, favorecendo um maior uso de mão de obra associativa entre quem de fato vive da terra, tendo uma justa distribuição de renda e que seja capaz de reverter o processo de êxodo rural garantindo a máxima valorização e dignidade aos povos que ainda resistem e também para aqueles que desejem retornar para o interior.

O início da produção da nossa erva mate em 2021, teve como intuito melhorar a geração de renda para nossa família. Visto que vivíamos um contexto de pandemia (corona vírus) e foi necessário readequar algumas formas de comercializar os nossos produtos. Para além da questão financeira, essa iniciativa também teve por objetivo consolidar nossa perspectiva de viver e trabalhar coletivamente no campo, com projetos de agrofloresta que tem como uma de suas culturas a plantação da erva mate e outros plantios agroecológicos; e a partir disso fazer o beneficiamento próprio da erva mate, assim agregando valor, inclusive criando a nossa própria marca agroecológica e coletiva Erva-Mate Agroecológica de Carijo Seiva Rebelde.

Boa parte da nossa produção, mas principalmente a distribuição, desde o início se deu em parceria com outros grupos e organizações sociais através da articulação com a “Teia dos povos”, que naquele mesmo ano de 2021 nos vinculamos.

> A Teia dos Povos é uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas. Extrativistas, ribeirinhos, povos originários, quilombolas, periféricos, sem terra, sem teto e pequenos agricultores se juntam, enquanto núcleos de base e elos, nessa composição com o objetivo de formular os caminhos da emancipação coletiva. Ou seja, construir solidariamente uma Aliança Preta, Indígena e Popular (Teia dos Povos, 2025, online).

Enquanto nosso coletivo rural dava conta de fazer toda a parte de corte, sapeco, secagem e embalagem da Seiva Rebelde, os nossos companheiros da teia faziam a parte de divulgação, venda e distribuição mensal da nossa produção em cidades como Porto Alegre, Santa Maria e Florianópolis entre outras. O objetivo principal da teia dos povos é articular os sujeitos que vivem no campo e na cidade em prol da construção de territórios autônomos e que zelem internamente pela igualdade racial, de gênero e que através da agroecologia possam fortalecer de acordo com suas capacidades os outros territórios vinculados a essa rede de sustentação coletiva. Também cabe ressaltar que muito dessa opção produtiva se deu por conta das nossas raízes culturais indígenas, onde a vontade de viver em coletivo e tendo o mate sempre como um facilitador de vivencias por si só ja basta para que tornar uma atividade prazerosa compartilhar desde a vivencia ancestral do carijo, de secar fraternalmente nosso próprio chimarrão e depois compartilhar a cuia, a bomba, as prosas e os momentos de socialização que são tão simples mas ao mesmo tempo fundamental para uma vida saudável tanto na parte física, quanto, emocional e espiritual de todos nós.

Conclusão

Apesar dos desafios organizativos, produtivos e logísticos temos convicção de que ao desenvolver uma linha de produção organizada dentro de princípios coletivos estamos contribuindo em uma construção de sociedade melhor, que permite a sucessão familiar com permanência da juventude no campo e onde ainda há espaço para o sentido de pertença comunitária e união entre os diferentes sujeitos que aqui vivem ou mesmo entre aqueles que esporadicamente se envolvem com o feitio de erva mate artesanal. Estamos na verdade em um movimento contínuo que se irradia e que pretende servir de exemplo transformador para as localidades próximas. Um modo de vida estreitamente ligado ao seu território, bioma e cultura local. A partir do chão onde pisamos esperamos construir aos poucos uma nova perspectiva de existência que se baseia no apoio mútuo e na esperança de uma vida verdadeiramente comunitária, com abundância de alimentos saudáveis, acesso ao lazer, a cultura e a ciência através da Educação do Campo em um ciclo de conservação da biodiversidade e dos povos, como na natureza, a vida com direitos

garantidos e a permanência dos jovens campesinos e indígenas como uma possibilidade real e digna dentro de cada território livre, com educação emancipadora.

Referências bibliográficas

VALENTINI, Delmir José. **Tropeiros, ervateiros e balseiros: memoráveis histórias do sertão catarinense.** In: **ÁGORA**: Revista de divulgação científica, UnC, v.6, n.1,1999, p.79-89.

LUZ, Moisés Da. **Carijos e barbaquás no Rio Grande do Sul: resistência camponesa e conservação ambiental no âmbito da fabricação artesanal de erva-mate** / Moisés da Luz. ó Porto Alegre, 2011.

https: **teiadospovos.org**/ acesso em 19 de agosto de 2025.